

23 Teses sobre a Revolta

Como podemos parar de nos derrotar todas as vezes?

Distri Josep Gardenyes

2011

Conteúdo

1. As múltiplas derrotas sofridas pelos rebeldes ocidentais, nas quais perdemos ao ganhar, decorrem do fato de não sabermos que fomos os primeiros colonizados.	6
2. A produção é principalmente um instrumento de controle.	8
3. As classes burguesa e proletária não existem.	10
4. A realidade é policêntrica.	12
5. A estratégia anarquista consiste simplesmente em decidir o que fazer, em todos os momentos, com as relações e forças que temos à nossa disposição.	14
6. O indivíduo ocidental não é mundano.	16
7. O capitalismo quer que sobrevivamos.	18
8. O ativismo monotemático é a alienação capitalista no campo da luta.	20
9. A revolta é o renascimento da sociedade.	22
10. Somos as primeiras ervas daninhas.	24
11. O lema principal do rebelde, o eixo estratégico do insurgente, é "a sociedade contra o Estado".	26
12. Sem saber de onde viemos, não podemos saber para onde estamos indo.	28

13. Contra o isolamento imposto pelo sistema, nossa força está em começar com a visibilidade e ganhar presença.	30
14. Cada momento é o momento certo para desenvolver a capacidade de atacar com agilidade e facilidade.	32
15. A paixão pela destruição deve ser uma paixão criativa.	34
16. Contra seu isolamento e repressão, devemos intensificar a existência de redes profundas com um alto nível de conectividade.	36
17. A tarefa mais difícil e mais negligenciada, em um mundo desaparecido, é aparecer na vida dos outros.	38
18. A imaginação não é um luxo ou uma brincadeira de criança, mas o acesso a um terreno essencial de luta, um terreno a ser reocupado e o único em que temos uma vantagem.	40
19. Se o mundo tem um centro, é lá que perdemos.	42
20. As rupturas não podem ser planejadas, mas podem ser incentivadas e ampliadas; essa é a nossa tarefa mais delicada.	44
21. As insurreições só se estendem até o ponto em que a sociedade pode alimentá-las.	46
22. A próxima etapa da revolta, após a qual só podemos especular, é a destruição da normalidade.	48
23. Provavelmente nunca venceremos, embora seja verdade que nunca perderemos.	50

23 teses sobre a revolta

Como podemos parar de nos derrotar todas as vezes?

Distri Josep Gardenyes

2011

Conteúdo

1. As múltiplas derrotas sofridas pelos rebeldes ocidentais, nas quais perdemos ao ganhar, decorrem do fato de não sabermos que fomos os primeiros colonizados. 5
2. A produção é principalmente um instrumento de controle. 7
3. As classes burguesa e proletária não existem. 8
4. A realidade é policêntrica. 8
5. A estratégia anarquista consiste simplesmente em decidir o que fazer, em todos os momentos, com as relações e forças que temos à nossa disposição. 9
6. O indivíduo ocidental não é mundano. 9
7. O capitalismo quer que sobrevivamos. 10
8. O ativismo monotemático é a alienação capitalista no campo da luta. 11
9. A revolta é o renascimento da sociedade. 11
10. Somos as primeiras ervas daninhas. 11
11. O lema principal do rebelde, o eixo estratégico do insurgente, é "a sociedade contra o Estado". 12
12. Sem saber de onde viemos, não podemos saber para onde estamos indo. 12
13. Contra o isolamento imposto pelo sistema, nossa força está em começar com a visibilidade e ganhar presença. 12
14. Cada momento é o momento certo para desenvolver a capacidade de atacar com agilidade e facilidade. 13
15. A paixão pela destruição deve ser uma paixão criativa. 14
16. Contra seu isolamento e repressão, devemos intensificar a existência de redes profundas com um alto nível de conectividade. 14
17. A tarefa mais difícil e mais negligenciada, em um mundo desaparecido, é aparecer na vida dos outros. 15
18. A imaginação não é um luxo ou uma brincadeira de criança, mas o acesso a um terreno essencial de luta, um terreno a ser reocupado e o único em que temos uma vantagem. 15
19. Se o mundo tem um centro, é lá que perdemos. 16
20. As rupturas não podem ser planejadas, mas podem ser incentivadas e ampliadas; essa é a nossa tarefa mais delicada. 16
21. As insurreições só se estendem até o ponto em que a sociedade pode alimentá-las. 16
22. A próxima etapa da revolta, após a qual só podemos especular, é a destruição da normalidade. 16
23. Provavelmente nunca venceremos, embora seja verdade que nunca perderemos. 17

*Um texto publicado por Distri Josep Gardenyes, que foi formado "para compartilhar e disseminar textos que consideramos de importância estratégica nas lutas atuais". Josep Gardenyes, de quem eles tiraram o nome, foi um dos anarquistas "incontroláveis" executados em Barcelona em 1936 por anarco-burocratas da C.N.T. durante seu período traiçoeiro dentro do governo "revolucionário" (consulte **Memória como arma; "Essas mulheres se recusaram a se sacrificar"**), apesar de ele ter lutado muito nas barricadas. Os relatos diferem, mas parece que seu fuzilamento foi devido ao fato de*

ter trazido "descrédito" aos anarquistas "oficiais" ao saquear joias de uma loja abandonada, ou por fazer parte de grupos que expropriavam mercearias ostentando insígnias anarquistas. Outro relato afirma que Gardenyes foi morto por se vingar de espiões da polícia da época da ditadura anterior no estado espanhol. Como Distri Joseph Gardenyes salientou, "com a memória de nossos fracassos, podemos parar de nos trair e atacar o espírito de dominação onde quer que ele se encontre".

1. As múltiplas derrotas sofridas pelos rebeldes ocidentais, nas quais perdemos ao ganhar, decorrem do fato de não sabermos que fomos os primeiros colonizados.

Assaltamos o Palácio de Inverno, mas substituímos o czar por uma burocracia numerosa demais para ser colocada contra a parede. Tomamos Barcelona após o golpe fascista e depois nos gabamos de ter aumentado a produção. Queimamos todos os bancos e atacamos todas as delegacias de polícia em Atenas e depois não sabíamos mais o que fazer. Quando nos solidarizamos, de tempos em tempos, com certas lutas indígenas, achamos muito bonito o fato de eles terem uma conexão íntima com a terra, mas não nos perguntamos por que não temos isso. Assumimos o mito do progresso ou o questionamos do ponto de vista meramente tecnológico, em vez de entender que a história não é linear e que o poder do Estado não está sempre aumentando, mas em várias ocasiões, no passado, estivemos perto de destruí-lo e que as formas atuais que esse poder assumiu são a resposta às nossas lutas. Como explicar que o preço do pão, a pobreza e a fome aumentaram muito (depois de séculos de valores baixos e estáveis) a partir do século XVI, justamente quando a Europa foi inundada por riquezas roubadas das Américas? Como entender que, na Idade Média, as mulheres tinham acesso à terra, à herança e a quase todos os ofícios, e que os animais eram considerados membros da comunidade; e, no entanto, a partir do Iluminismo, as mulheres se tornaram totalmente dependentes dos homens, e acreditava-se que os animais não podiam sequer sentir dor? Como entender que a evolução democrática começou em Runnymede, em 1215, quando a aristocracia inglesa derrotou seu rei, a institucionalização pela força das armas do conceito de direitos e a ideia de uma participação mais ampla no projeto de governo? Como entender os cem mil camponeses, trabalhadores e artesãos mortos nas terras de língua alemã no ano de 1525, depois de se revoltarem em uma rebelião que linchou milhares de padres, bispos, cavaleiros e nobres, e como entender os comerciantes que inicialmente incentivaram a rebelião e depois a traíram? No primeiro século da colonização mundial, eles deixaram pouquíssimos europeus viverem nas colônias, e esses eram empresários e bandidos da classe policial que nos traíam, torturavam e reprimiam durante nossas frequentes revoltas, assim como torturaram e assassinaram os rebeldes indígenas. E nos séculos posteriores, o novo estado centralizado promulgou várias leis para proibir os europeus de se misturarem ou simpatizarem com os povos indígenas ou com os africanos escravizados. Porque, durante esses mesmos séculos, eles estavam completando o processo de nos colonizar, de destruir nossos vínculos com a terra e com a comunidade de seres vivos que formam o mundo, e de nos fazer esquecer tudo o que perdemos. **Perdemos e esquecemos esses vínculos a tal ponto que, nos textos anarquistas clássicos, encontramos a mesma proposta racionalista de substituir a guerra capitalista de todos contra todos pela guerra socialista de "todos contra a natureza"; encontramos uma utopia tecnológica e racionalista formada por trabalhadores felizes que assumiram o controle de suas fábricas e aperfeiçoaram a arquitetura de seu ambiente controlado.** Você pode ler essa história de colonização no trabalho de Silvia Federici, Rediker e Linebaugh, ou Luther Blisset. Mas, ainda mais claramente, é possível lê-la inscrita no tecido social atual. Ela está presente nas ruas vazias, que eles cercam com permissões e portarias comportamentais, como antes cercavam as terras comunais, restabelecendo as leis romanas que transformavam a terra em algo que podia ser vendido. Está presente na tortura policial e nas campanhas de repressão, que chamamos de "caça às bruxas", lembrando sem lembrar o processo sangrento que quebrou a solidariedade camponesa e proibiu o autoconhecimento dos corpos, a medicina tradicional, o aborto e a contracepção, tentando transformar as mulheres em fábricas para o aumento da população e como base para alimentar invisivelmente o novo trabalho assalariado. **Ela também está presente em nossas lutas, mas apenas de forma tímida.** Nós nos lembramos da Comuna de Paris e do Primeiro de Maio, sem nos lembrarmos do porquê. A "Comuna" era, acima de tudo, uma referência à importância das comunas no imaginário (ou seja, a conexão entre sua realidade e sua utopia) dos camponeses da Idade Média. E o Primeiro de Maio, que cai na metade do caminho entre o equinócio e o solstício, era um festival de primavera e um dia de brincadeira e revolta ligado a uma tradição de resistência contra o cristianismo e a aristocracia. Em 1886, os trabalhadores imigrantes da Europa nos EUA ainda se lembravam da transcendência do dia e, por isso, organizaram a greve geral nessa data, mais tarde registrada na história pelos eventos em Chicago. Sem saber, continuamos em uma luta que não tem apenas 150 anos, mas não somos capazes de vencer porque, no final, sempre adotamos as visões e os objetivos do sistema que originalmente nos colonizou e depois roubou a memória da derrota, impondo-nos uma cultura de escravos e um conceito de liberdade típico de uma máquina, uma mera ferramenta que pertence a outro e que existe para realizar os projetos de outro. No final, sempre traímos a nós mesmos.

2. A produção é principalmente um instrumento de controle.

Portanto, falar sobre autogestão ou controle da produção pelos trabalhadores é o mesmo que falar sobre a apropriação do poder do Estado ou sobre a ditadura do proletariado. A produção - ou seja, o sistema capitalista que administra a vida por meio da criação e distribuição de mercadorias e relações mercantilizadas - não é e nunca foi um mero método de aumentar os lucros da burguesia, mas é e sempre foi uma resposta emergencial a uma crise de controle social. O fracasso do sistema feudal devido à resistência dos camponeses forçou a burguesia nascente a se aliar à parte mais dinâmica da antiga hierarquia para criar um novo Estado capaz de estabelecer o biopoder, como explica Silvia Federici; um Estado capaz de cercar e tomar as terras do povo, transformar as mulheres em trabalhadoras domésticas, responsáveis pela reprodução da força de trabalho, e converter os homens em trabalhadores masculinizados, que entrariam nas oficinas e depois nas fábricas para produzir valor. Deixá-los ter contato com a terra ou permitir que criassem coisas de forma autônoma e tirassem o excedente teria permitido que desenvolvessem um imaginário da comuna (como fizeram no sistema feudal), ou seja, um horizonte que enquadra outras possibilidades de liberdade, de ajuda mútua; do "mundo virado de cabeça para baixo" dos hereges. **As classes dominantes tiveram que tirar seu contato com a terra, com suas criações, com o mundo e discipliná-las para que se movessem em um plano de puros valores abstratos, não apenas para extrair mais lucros e encher ainda mais os bolsos, mas também para sobreviver como classe, para evitar a revolução total que estava sendo forjada após séculos de rebeliões de camponeses, artesãos, trabalhadores urbanos e hereges, e tiveram que forçar a colonização do resto do mundo para pagar as dívidas das despesas cada vez mais altas geradas pelos exércitos permanentes e pelas novas técnicas de repressão.** Eles nunca conseguiram destruir completamente a comuna (assim como ela nunca existiu, *tout court*, na história europeia, pelo menos não como existiu em um passado que foi completamente esquecido). Essa comuna sobreviveu no imaginário e ressurgiu constantemente. Quando as mulheres foram retiradas da vida pública e confinadas à esfera privada, elas abriram brechas para criar novas comunas; por exemplo, se interpretarmos as reuniões espontâneas em torno das lavanderias como uma agora improvisada. Ainda há tentativas de destruir as novas comunas: com eletrodomésticos e proibições cívicas contra pendurar roupas para secar "nas ruas ou em espaços públicos". É possível ver com mais clareza o que é produção quando se entende suas pré-condições. A acumulação primitiva, ao contrário da hipótese mais rigorosa de Karl Marx, só foi alcançada por meio de instituições como a Inquisição, a caça às bruxas e as "Leis Sangrentas", pelas quais um milhão de pessoas foram torturadas e mortas durante três séculos, especialmente mulheres independentes, homens que se solidarizavam com elas, vagabundos, homossexuais e hereges (a maioria dos quais eram revolucionários que falavam de um mundo sem classes, sem padres, sem casamentos e sem propriedade privada). Por meio desse processo, as coletividades de mulheres foram destruídas, permitindo a criação de um patriarcado mais forte (o caos e a mobilidade cultural produzidos após a queda do Império Romano resultaram em seu enfraquecimento) e, portanto, uma divisão poderosa entre os explorados. Foi criada uma categoria de trabalho não valorizado (o trabalho feminizado, desde então associado à esfera privada: criar e nutrir a futura força de trabalho) sem a qual o capitalismo nunca teria sido possível. O subsequente cercamento da terra foi possível e foram desenvolvidas técnicas policiais que ainda estão em vigor. Falar de uma esfera econômica, como se fosse uma categoria natural, é absurdo, já que o econômico só existe graças a uma grande violência estatal que dividiu o social em duas partes: a econômica e a política.

**3. As classes burguesa e proletária
não existem.**

Ou melhor, elas existem - já que as identidades existem precisamente quando se acredita que elas existem - mas, sendo assim, essas classes não importam. A classe proletária morreu adotando a cultura burguesa, e a classe burguesa se sacrificou, como Cristo, para ser eterna e universal, para se tornar uma cultura unificadora representada no novo não-sujeito, o consumidor. Não convém ao capitalismo que nada pertença a ninguém. A propriedade, entendida de forma clássica, é uma condição estável demais para o gosto do capital. Ele está mais interessado na relação baseada na administração, porque em tal relação o poder não reside naquele que administra, mas no movimento disciplinado de bens, atividades e pessoas administradas. (Uma fazenda não utilizada pertence ao proprietário mesmo assim, mas um gerente que não gerencia será substituído por outro que seguirá melhor a lógica abstrata do sistema). Assim, um aparato, usando o termo de Giorgio Agamben, não dá nenhuma autonomia a seus líderes, mas recompensa todos os cidadãos de seu regime por se moverem e se comportarem de acordo com as regras sugeridas pelo fluxo do aparato, condicionando-os a gerenciar sua própria obediência sem forçar o aparato a mostrar o poder aniquilador que possui. Dessa forma, a sociedade de classes - que implicava um conflito óbvio e a necessidade do uso frequente dos poderes aniquiladores para exercer o controle - foi substituída por uma sociedade de fluxos, na qual o próprio ambiente e o espaço entre os seres são construídos para recompensar a mobilidade obediente e, assim, minimizar e dificultar o conflito social. Hoje em dia, todos pertencem à classe dominante que olha para suas próprias vidas de cima.

4. A realidade é policêntrica.

O racionalismo científico tem sido, entre outras coisas, uma religião, e é mais eficaz do que o cristianismo para garantir o controle social. Sua vantagem é uma maior capacidade de autocritica e, portanto, maiores possibilidades de mudar as estruturas de governo em face da rebeldia ou desilusão popular. Finalmente, os cientistas a serviço de nossos governantes tiveram de admitir não apenas que a Terra não era o centro do universo, mas também que o universo não tinha centro e que o próprio espaço é algo que se move, se expande e se contrai. Entretanto, a ciência como religião continua a promover a ideia de objetividade, apesar de ter descoberto que a objetividade também não existe. A objetividade, acima de tudo, é uma operação metafísica que nos faz contemplar nossas próprias vidas de cima, o que nos faz pensar em como a economia deve ser implantada e como a sociedade deve ser organizada, em vez de "o que vou fazer no mundo para atender às minhas necessidades e satisfazer meus desejos com os outros?" Para o sistema, disciplinar as visões de mundo é essencial precisamente porque a realidade é policêntrica e, se assumirmos essa verdade com todas as suas consequências, eles terão perdido a guerra ideológica. Ao contemplarmos nossas vidas de cima, compartilhamos a *Weltanschauung* - a maneira de ver o mundo - do sistema que nos domina. Contemplar nossas vidas do alto é um substituto não extático para as experiências extracorpóreas profundamente extáticas que formavam uma parte importante da espiritualidade das sociedades pré-colonizadas (incluindo as europeias antes do cristianismo), proporcionando às pessoas, por meio de plantas mágicas, rituais ou meditação, a possibilidade de se conectar com o mundo no nível metafísico e, assim, tornar impossível a dominação que ocorre por meio da alienação.

5. A estratégia anarquista consiste simplesmente em decidir o que fazer, em todos os momentos, com as relações e forças que temos à nossa disposição.

Dessa forma, é totalmente diferente da estratégia militar, cujo ponto de partida é um plano ideal e abstrato, e um ponto de vista de cima que é como um mapa com um conjunto de recursos implantados no topo. Toda estratégia militar consiste em impor um plano ideal no mapa que representa a realidade. A anarquia, não como um movimento revolucionário, mas como uma realidade multifacetada de rebelião e criação permanente, baseia-se na livre iniciativa de cada membro da sociedade; na ideia de que todos nós contemplamos os problemas sociais com nossos próprios olhos, e não de cima para baixo. **Muitas das divisões que afetaram os anarquistas com o passar das décadas foram reveladas como totalmente incoerentes com o ideal da anarquia, porque se baseiam na pretensão de criar uma unidade compulsória.** Estou me referindo à reclamação de que não se está seguindo o plano, de que não se está fazendo com seus recursos o que se deve fazer. Se não temos a intenção de fazer uma campanha militar, devemos nos recusar a ver a revolução como algo organizado de acordo com um plano unificado, como se fosse um jogo de risco. Não estamos olhando de cima para baixo, dando ordens. Estamos aqui, em meio a um belo caos que nossos inimigos sempre tentam organizar. Seremos mais fortes do que nunca se aprendermos a triunfar nesse caos, a nos movimentar na rede de nossos próprios relacionamentos, a nos comunicar horizontal ou circularmente, a usar apenas o que realmente é nosso e a influenciar os outros, a entender que nem todos agirão como nós agimos; essa é a beleza da rebelião, e nossa eficácia nela não está em tornar o mundo inteiro igual, mas em conceber a melhor maneira de nos relacionarmos de forma complementar com aqueles que são diferentes e seguem caminhos diferentes.

**6. O indivíduo ocidental não é
mundano.**

É um corpo misterioso, e nunca se pode saber como funciona. Eles garantem sua sobrevivência com o que chamam de "direitos", que lhes permitem comprar e vender a terra e proibir que outros tenham acesso a necessidades básicas. Eles lhe permitem a liberdade de expressão (supõe-se que ele não seria capaz de fazer isso organicamente, com sua própria boca, sem essa concessão); mas não permitem que você faça suas palavras na forma de decisões e as transforme em ações. Os direitos do indivíduo ocidental não permitem que outra pessoa injete toxinas em seus pulmões, mas permitem que ela corte a floresta ou drene o pântano que produz seu oxigênio, o que obviamente teria um efeito semelhante sobre nós, os indivíduos do mundo. O sistema respiratório dos seres vivos é coletivo e consiste em uma infinidade de pulmões, folhas, bactérias e outros organismos. Mas isso significa que o indivíduo ocidental só existe dentro de seu próprio corpo, já que seus direitos não vão além de sua pele. Embora o indivíduo ocidental não possa ser entendido como um ser vivo, ele tem certas vantagens, entre elas o fato de ser extremamente móvel. Como todas as suas raízes e relacionamentos podem ser cancelados por meio de uma simples operação monetária, ele pode ser transferido de um lugar para outro com facilidade: do campo para a cidade, da África para o Caribe, ou do útero para a escola, e de lá para a fábrica, a prisão, o hospital e o cemitério. Não é necessário dizer - porque é óbvio e só um complexo religioso muito avançado de racionalismo científico poderia fazer esquecer - que, ao contrário do indivíduo ocidental, o indivíduo do mundo não é um corpo isolado, um sujeito que realiza verbos contra objetos espalhados em um espaço estático e vazio, mas o indivíduo do mundo, aquele que luta, existe a partir de suas relações. Seu corpo, seu ser, sua essência, são exatamente o conjunto de redes que coincidem nele, as relações que ele tem com o mundo. O ataque mais grave cometido pelo sistema contra o qual estamos lutando é fazer desaparecer o mundo, a rede caótica de relações que é o único terreno em que podemos viver.

**7. O capitalismo quer que
sobrevivamos.**

Em algumas regiões do mundo, em determinadas épocas - até mesmo na atual -, o capitalismo precisa usar o genocídio: mas o genocídio capitalista foi essencial para inaugurar o biopoder, ou seja, o poder que é próprio do sistema de garantia da sobrevivência é baseado em um poder aniquilador e homicida que foi necessário para destruir e suprimir a autossuficiência e nos tornar dependentes do capitalismo. E o capitalismo quer e precisa de nós para sobreviver e se multiplicar. De fato, o capitalismo foi formado a partir da Peste Negra, durante a qual um terço da população da Europa morreu, causando uma crise para as elites. Com a escassez de mão de obra e a abundância de terras vazias, os camponeses ganharam muita força em relação aos seus opressores. Eles puderam escapar do sistema feudal e obter suas próprias terras e, por meio do trabalho, puderam exigir salários três vezes mais altos do que nas décadas anteriores. E tudo isso em um contexto de crescimento vigoroso de rebeliões que muitas vezes terminavam com o linchamento de padres e nobres. Como resposta desesperada, a nova burguesia e os protestantes (os meio-heréticos, ou seja, os reformistas), que já haviam conseguido enfraquecer o antigo sistema abrindo espaço para sua ascensão, aliaram-se à aristocracia e transformaram os salários no novo instrumento de dominação, colocando a terra à venda e abolindo, assim, a autossuficiência; inaugurando a especulação e aumentando os preços do pão e de outros gêneros de primeira necessidade; provocando três séculos de fome e miséria. Enquanto isso, os sistemas legais e as igrejas (tanto católicas quanto protestantes) adotaram várias medidas para forçar um aumento constante da população, criminalizando a contracepção, o aborto e a homossexualidade, e substituindo uma tradição de parteiras e partos autônomos por uma profissão médica masculina. O capitalismo garantiu a sobrevivência para proibir a vida. Dessa contradição surgem muitas lutas que, em seu início, confrontam o capitalismo, mas, uma vez que conseguem sobreviver ou melhorar as condições físicas, deixam-se cooptar pelo próprio capitalismo, reivindicando alguns fins que são mais adequados ao capitalismo do que ao projeto subversivo de fazer o mundo reaparecer. **Não se pode criticar as medidas que as pessoas usam para conseguir sua sobrevivência, a menos que roubem de seus vizinhos ou adotem um discurso de solidariedade e acabem roubando o futuro de seus netos, que sofrerão uma miséria ainda maior por causa da crise que o capitalismo sempre gera enquanto não o destruirmos. Mas uma luta que não vai além da sobrevivência também não pode ser chamada de revolucionária.** O que é revolucionário é apenas aquilo que exige mais do que a sobrevivência, que exige vida. Esse fato cria outra contradição: lutar pela vida torna a sobrevivência mais difícil.

8. O ativismo monotemático é a alienação capitalista no campo da luta.

Se uma campanha contra a guerra ou contra as deportações for o único evento que manifesta um conflito social, deveríamos estar lá. Mas enquanto nos entendermos apenas como sujeitos políticos, enquanto nossa facilidade de participar de uma manifestação funcionar como um substituto para a facilidade de falar com vizinhos e colegas de trabalho e, assim, desenvolver uma intuição social que nos permita perceber formas de conflito social também mais opacas para a imprensa e o Estado, estaremos isolados, porque o terreno da política na sociedade capitalista é um cenário de combate alienado. A farsa é que todas as misérias isoladas são uma única miséria. Dividir nossa raiva em temas facilita ao Estado propor reformas. Devemos nos mover sempre na rede de conflitos que existem em nossa sociedade, mas sem deixar que a construção discursiva desses conflitos nos impeça de imaginar o conflito que trazemos conosco ou a capacidade de reconhecer conflitos que para o espetáculo são irreconhecíveis.

**9. A revolta é o renascimento da
sociedade.**

Não se trata de uma linha ou de um movimento, mesmo que envolva muito movimento. Não pode ser outra revolução que imponha uma visão da sociedade, mas deve ser a destruição de todo obstáculo à livre respiração e ao crescimento qualitativo da sociedade. **A pergunta "por qual visão ou plano a sociedade será organizada após o capitalismo?" é uma operação dogmática dissimulada que, na verdade, está perguntando: "Que visões e planos serão reprimidos nessa nova sociedade?"** A sociedade é um organismo inteligente e auto-organizado, desde que todos nós estejamos fazendo planos, comunicando visões e tomando iniciativas. A sociedade precisa de toda a nossa energia criativa para superar o coma ao qual está submetida, para renascer e viver. É por isso que falamos em revolta permanente. Não é porque nos vemos como uma vanguarda niilista permanente ou porque, mil anos depois de termos estrangulado o último policial com as entranhas do último burocrata, ainda nos imaginamos formando um Black Bloc e quebrando vitrines, mas porque entendemos a revolta como a condição caótica de uma sociedade saudável, um ciclo permanentemente criativo e regenerativo sem restrições, como a primavera e sua explosão de novas iniciativas e projetos nascidos dos cadáveres de antigas conquistas.

**10. Somos as primeiras ervas
daninhas.**

Tanto a revolta quanto a sociedade são um ecossistema. Pode-se dizer que as primeiras ervas daninhas são as mais importantes para quebrar o concreto e transformar o solo morto em um lugar de abundância. Mas as ervas daninhas, obviamente, não formarão essa abundância sozinhas. As plantas menores ou de crescimento mais rápido geralmente são aquelas que podem desintoxicar a terra e não aquelas que podem tirar melhor proveito de uma terra saudável. Mesmo em uma floresta, as árvores da primeira geração não são as que formarão a mesma floresta após duas ou três gerações sem a interrupção do machado ou da serra. **Logo as primeiras ervas daninhas atingem um limite em sua reprodução. Levando isso em conta, os primeiros rebeldes devem reconhecer que nossa tarefa não é criar mais ervas daninhas - mais rebeldes como nós -, mas quebrar o concreto para dar espaço e solo saudável para outras espécies totalmente diferentes, tipos de rebeldes e seres vivos que não se parecem conosco.** Portanto, a questão estratégica não seria como podemos atrair mais pessoas para nosso centro social, mas como podemos fazer com que nosso centro social interrompa a normalidade na vizinhança ou fortaleça outras expressões nascentes de rebelião (sem esquecer a necessidade peremptória de nutrir nossa própria rebelião e nos sustentarmos nela).

11. O lema principal do rebelde, o eixo estratégico do insurgente, é "a sociedade contra o Estado".

O fenômeno antropológico que Pierre Clastres expressou com essas palavras enquadra o segredo oculto do Estado e a dinâmica atual pela qual lutamos. O Estado sempre tenta obscurecer as diferenças entre ele e a sociedade. Ele finge ser nosso defensor, nosso professor, nosso pai, nossa mãe, até mesmo sermos nós mesmos. Mas ele não é a sociedade. O que eles apresentam como sociedade nada mais é do que o mercado, e o mercado, em sua forma ideal, é a sociedade completamente dominada, em coma, inconsciente. Em todas as situações, temos de mostrar a distância entre o sistema e nós, entre nossos papéis como trabalhadores e nossos corpos, necessidades e desejos. Assim que a sociedade tem qualquer forma de existência independente, o Estado fica com medo e minimiza suas indignidades e agressões. Vamos aumentar a força da sociedade e apontar o Estado como parasita e usurpador. A única coisa que é forte o suficiente para destruir o Estado (e não se apoderar dele, como fazem os socialistas) é uma sociedade que desperta, como foi visto na Grécia, na Albânia, na Argentina ou na Cabília; e a única possibilidade de o Estado se impor novamente é convencer a sociedade a se desarmar, a voltar para casa, a voltar a dormir. Na Grécia, fizeram isso com a televisão e o espetáculo da crise; na Albânia, fizeram isso com uma mudança radical de governo; na Argentina, fizeram isso com o peronismo; na Cabília, estão fazendo isso com as ONGs e a participação política. Em nenhum caso a violência repressiva do Estado foi suficiente. Assim, vemos que a cooptação é a outra mão do Estado, mas ela só pode funcionar se muitas pessoas virem o Estado como seu e não como um parasita totalmente estranho.

12. Sem saber de onde viemos, não podemos saber para onde estamos indo.

Por esse motivo, cultivar a memória histórica é uma das tarefas mais importantes do insurgente. A memória histórica é uma raiz que nos conecta com a força de milhares de fantasmas de lutas passadas. Como disse Walter Benjamin, não lutamos para melhorar a vida de nossos filhos e netos, mas para vingar esses fantasmas. A memória histórica nos dá o conhecimento de mil anos de rebelião. Ela nos dá a paciência e a perspectiva para sobreviver à repressão, sabendo que nossas vidas, embora sejam um motivo para lutar por tudo e contra tudo, são apenas gotas em um mar de resistência; que estamos lutando há mais de mil anos e, mesmo que morramos na prisão, a luta continua; que morrer nada mais é do que voltar ao mundo que pretendem fazer desaparecer. Isso nos dá uma consciência do antagonismo existente contra o sistema desde suas origens. Somente um povo com pouca memória histórica, que não entende como o sistema contra o qual lutamos começou, poderia considerar a possibilidade de ser seu próprio patrão nas fábricas ou de formar seu próprio partido no governo como uma vitória.

13. Contra o isolamento imposto pelo sistema, nossa força está em começar com a visibilidade e ganhar presença.

A teoria da opacidade (proposta pelo Comitê Invisível e por alguns situacionistas) é válida na medida em que se trata de uma recusa em dialogar com o poder (a imprensa, a Academia) ou com o espetáculo. Mas evitar a visibilidade é suicídio em uma época de alienação generalizada. A visibilidade é o primeiro instrumento para se comunicar com a sociedade e influenciar sua realidade controlada. Ela é alcançada por meio de cartazes, adesivos, grafites, centros sociais, eventos públicos, manifestações, teatro de rua, vidros quebrados, sabotagem em locais com grande circulação de pessoas e ações ilegais em plena luz do dia. Eles funcionam como sinais de desordem, como explica A.G. Schwarz, desgastando a ilusão de paz social necessária para o funcionamento da democracia. Com essa visibilidade, não é necessário convencer ninguém ou mudar suas opiniões, porque, no capitalismo, as opiniões não são a causa das ações das pessoas, mas seu álibi. O comportamento das pessoas é coagido, e as opiniões são adaptadas para amenizar a esquizofrenia de viver contra si mesmo. A realidade psicoemocional do capitalismo é uma dissonância cognitiva. Por essa razão, muitas pessoas gostam de centros sociais, mas nunca entram neles para participar, porque a participação em uma luta social envolve admitir que se é um escravo. A visibilidade encontra sua importância em tornar conhecido que existimos e, assim, mudar o espectro do que é possível na mente e na imaginação da sociedade. Ao reconhecer que existem anarquistas, eles terão de reformular suas opiniões para responder às críticas que representamos e, embora as opiniões não mudem em si mesmas, eles terão mudado sua posição, orientando-a para nós e não para o centro do espectro dos discursos oficiais. Isso já supõe um grande sucesso. **Quando, por meio da visibilidade, nossa existência for inegável, avançaremos em direção à presença.** Manifestando-nos como uma força social, capaz de alterar a realidade simbólica do espetáculo e romper a paz social, participamos de todos os conflitos sociais, fornecendo novos discursos, valores e ferramentas de luta, despertando a solidariedade e fortalecendo a capacidade de sobreviver à repressão. A presença é a visibilidade dotada de uma força material, uma intuição social e um posicionamento estratégico em todos os conflitos e lutas ao nosso alcance. Atualmente (em 2011)¹, a batalha mais importante é a luta contra o cercamento das ruas. Já é muito tarde, mas se perdermos totalmente o espaço público, será extremamente difícil ter a menor presença na sociedade, porque então a sociedade não existirá, apenas o mercado. A crítica estéril contra os guetos políticos decorre da falta de reconhecimento de que a própria sociedade está desaparecendo. Os guetos são as bolhas mais resistentes. A crítica mais consciente seria: por que diabos estamos concentrando nossas energias na ocupação de espaços fechados justamente em um momento em que o Estado quer nos expropriar das ruas para terminar de fechar os espaços públicos?

¹ Em 2010, o Estado espanhol estava acelerando o cercamento, a privatização e a regulamentação do espaço público, por exemplo, punindo reuniões, protestos e encontros não permitidos e cedendo todas as praças e calçadas para bares cada vez mais caros. Pouco depois da publicação desse texto, o movimento 15M constituiu uma reapropriação popular maciça do espaço público, frustrando as tentativas do Estado de afirmar o controle. A tumultuada greve geral na primavera de 2012 constituiu uma recuperação da capacidade de atacar e fazer a polícia recuar à força. A capacidade subsequente dos movimentos sociais de fazer uso livre do espaço público foi a base de todos os movimentos poderosos que se seguiram.

14. Cada momento é o momento certo para desenvolver a capacidade de atacar com agilidade e facilidade.

As primeiras respostas a uma ruptura são as mais importantes, aquelas que têm a possibilidade de influenciar tudo o que se segue e, assim, mudar a narrativa. Se não desenvolvermos a possibilidade de atacar antes de uma ruptura, sem passar por intermináveis assembleias e meses de preparação, perderemos a oportunidade mais importante que pode haver para criar novas possibilidades de resposta de toda a sociedade diante de uma ruptura ou crise. Se os ataques não forem feitos nos momentos "inapropriados", o momento apropriado nunca chegará. Tornar os ataques visíveis contradiz o consenso sobre a paz social e muda a imagem do que é normal e possível, dando a ideia da existência de novas ferramentas e respostas mais fortes que qualquer pessoa pode usar e executar em um momento de revolta. Enquanto isso, **atacar o sistema é um passo para voltarmos a habitar nossos próprios corpos, agindo com raiva em vez de engoli-la, em vez de disciplinar nossos sentimentos e instintos como faria o homem ideal proposto pela filosofia cartesiana.** Os ataques também nos separam dos cidadãos; eles nos apontam como criaturas diferentes, como bárbaros. Por isso, também é importante que as lutas tenham seu lado antissocial, capaz de desafiar e alimentar a hostilidade dos Bons, dos Normais - ou seja, daqueles que seguem as normas impostas - porque uma distinção entre a sociedade de classes e a sociedade de relações é que atualmente não é possível atacar o sistema sem incomodar as pessoas normais; elas não são nossas inimigas, mas reproduzem o inimigo, que é a normalidade. O truque é fazer ataques que sirvam de convite para que outros sejam cúmplices de nossa ilegalidade, sejam simpáticos ou sorridentes, oferecendo seu apoio ou indo para a rua.

**15. A paixão pela destruição deve
ser uma paixão criativa.**

O prazer da revolta, a estratégia insurrecional e a necessidade de sobreviver enquanto lutamos exigem que realizemos uma prática de criação livre ligada à nossa atividade destrutiva. A crítica total e o desejo de destruir a opressão desde suas raízes geralmente levam a uma teoria e prática de negação total. Os *companheiros* que realizam uma prática de negação total também desempenham um papel importante, e é inútil lamentarmos o quanto eles são "ruins". Acima de tudo, é importante estar ciente de que a prática da negação total não constitui um "perigo" para os revolucionários que se apresentam como os responsáveis (mas, na verdade, são esses revolucionários responsáveis que são um perigo para a revolução). Em vez disso, essa prática envolve uma simples e lamentável falta de imaginação. "Lamentável" porque o imaginário pode ser o terreno mais importante para a luta pela liberdade. Se alguém não consegue encontrar nada neste mundo, nesta sociedade, digno de ser protegido, de ser devolvido à vida, é porque essa pessoa está totalmente alienada; uma condição bastante comum. Vários companheiros aimarás e mapuches consideram os anarquistas como seus melhores aliados, mas os criticam por sua falta de conexão com a terra e por estarem focados na negação, quando para eles a luta é também um processo de defesa de suas raízes e da livre criação (o que implica a destruição, como atividade contingente, de qualquer obstáculo a essa criação). Não falamos de "contrapoder", nem pretendemos criar uma infraestrutura que substituirá a infraestrutura existente. Se pensarmos na vitória como a realização física de nossos projetos, adotaremos uma postura conservadora, tentando salvar ou proteger esses projetos e perdendo o que constitui seu maior valor: nossos projetos criativos são úteis quando alimentam nossa capacidade de atacar e sobreviver à repressão, quando são como bases ofensivas para recuperar nossas vidas que foram roubadas, quando nos conectam com a terra, com a sociedade e com uma força que é mais poderosa do que o medo e a obediência. Se os usarmos ofensivamente, perderemos fisicamente muito do que criamos, mas isso é bom, porque elas não servem para serem conservadas, mas para nos ensinar novas habilidades e expressar visões de novos mundos possíveis para a sociedade. O Estado coopta os projetos "positivos" quando, com o bastão e a cenoura, convence-os a se desligarem da atividade destrutiva e a limparem sua imagem. Devemos fazer o contrário: para que cada horta comunitária tenha murais dos combatentes e dos prisioneiros; para que os meios de contrainformação falem de sabotagem; para que qualquer agachamento nas montanhas ou projeto rural mantenha suas conexões com as lutas; para que as assembleias de bairro sejam locais onde expressamos honestamente nossas visões de outro mundo.

16. Contra seu isolamento e repressão, devemos intensificar a existência de redes profundas com um alto nível de conectividade.

A repressão é um cerco. Para superá-la, é necessário estender nossas conexões afetivas, materiais e solidárias para além de suas divisões, sejam elas a polícia e as listas negras ou as categorias discursivas e culturais que elas criam para nos enquadrar em uma pluralidade democrática. A "teoria do caos" e a "teoria da complexidade" mostram que as redes são mais fortes do que as hierarquias (é por isso que o exército gringo desenvolveu a Internet, para criar uma rede de comunicação descentralizada capaz de sobreviver a uma guerra nuclear de uma forma que suas hierarquias de comando não conseguiriam - e justamente por causa dessa descentralização agora eles não conseguem controlá-la). As redes são fortes quando têm alta conectividade, quando cada unidade tem uma infinidade de conexões em vez de ter poucos nós pelos quais todas as conexões passam. E, para nossos objetivos, precisamos de conexões profundas. Não estamos procurando mais amigos para adicionar no Facebook (na verdade, o Facebook começou com um investimento da CIA, que queria investigar as redes sociais, porque suas mentes hierárquicas não as entendiam muito bem). Estamos procurando cúmplices para projetos subversivos, tentativas de comunalizar a terra, redes de apoio mútuo e solidariedade combativa. Nessa rede, portanto, precisamos desenvolver amizades e relacionamentos baseados em valores de confiança, coragem (diante do inimigo e também diante de críticas ou conflitos com *companheiros*), respeito às diferenças e à heterogeneidade das lutas, afeto e cuidado e solidariedade ativa. Portanto, relacionamentos superficiais ou amigos de ocasião não funcionam para nós; a amizade é revolucionária.

17. A tarefa mais difícil e mais negligenciada, em um mundo desaparecido, é aparecer na vida dos outros.

O fato de formarmos um gueto político - embora seja nossa responsabilidade sair dele - não se deve às nossas próprias atitudes (tanto os rebeldes sociais quanto os antissociais têm seu próprio canto isolado dos outros), mas ao poderoso esforço que o sistema faz para isolar o mundo inteiro. Se tivermos uma rede de trinta amigos, já estaremos menos isolados socialmente do que uma pessoa normalizada que não tem nem dez amigos confiáveis. Só estaremos isolados da realidade televisiva que alimenta a solidão dos outros. Mas essa discrepância entre as realidades torna quase impossível conversar com pessoas normais. Por termos relacionamentos diferentes daqueles gerados pelo sistema, temos linguagens diferentes. Quando a terra foi expropriada, ou seja, quando o mundo desapareceu, ainda era possível se encontrar com outras pessoas porque o mesmo relacionamento era compartilhado com o sistema de produção. Mas hoje o sistema de produção é diferente do da era industrial e a condição compartilhada é o isolamento, o exílio metafísico. É como se todos nós tivéssemos desaparecido dos bairros e dos locais de trabalho ao mesmo tempo e agora só víssemos manequins de roupas, sacolas de compras e currículos bem feitos andando pelas ruas. Toda essa nova tecnologia de comunicação apenas impossibilita o encontro. Há lutas anarquistas que desenvolvem e disseminam novas técnicas de ataque, novos modelos de projetos criativos, novas teorias e ideias. Não há nenhuma que faça o mesmo com táticas para aparecer na vida dos outros, romper com o isolamento e formar relacionamentos fortes com pessoas normais - pessoas de guetos ainda menos poderosos que o nosso -, o que seria o primeiro passo para reconstruir essa comunidade perdida.

18. A imaginação não é um luxo ou uma brincadeira de criança, mas o acesso a um terreno essencial de luta, um terreno a ser reocupado e o único em que temos uma vantagem.

Uma parte muito importante do capitalismo é a indústria cultural. A tarefa de recuperar desejos e histórias de rebeldia é uma tarefa constante da contrainsurgência democrática. Durante séculos de derrota, nossa herança rebelde sobreviveu no terreno imaginário, onde nunca puderam nos aniquilar. Fora da civilização ocidental, a magia é um fato. Um aspecto universal da colonização tem sido a infantilização do mundo imaginário. A existência do mundo real exige a existência do mundo imaginário. O capitalismo não pode destruir o mundo imaginário, mas pode expropriá-lo de nós, minimizá-lo, enfraquecer a conexão entre os dois mundos para que não viajemos de um para o outro, para que tenhamos desejos não realizados, para que as visões pareçam absurdas, para que não imaginemos o mundo real de outras formas, para que a desilusão com o mundo real seja explicada por meio de neuroquímicos e tratada com drogas psicotrópicas (à medida que nos tornamos ainda mais parecidos com máquinas). Para superar o capitalismo, e até mesmo para lutar como rebeldes coerentes, é essencial reapropriar-se da conexão com o mundo imaginário e da capacidade de imaginar; espalhar visões; realizar desejos; construir uma ponte entre os dois mundos.

19. Se o mundo tem um centro, é lá
que perdemos.

O centro é a gaiola onde eles nos aprisionam. A sociedade, como o universo, não tem centro, porque o próprio espaço se move, porque o próprio mundo está vivo e também é protagonista dos acontecimentos. O Estado nasceu no ponto central da sociedade. Ele foi criado em um espaço no qual as decisões tinham mais validade, enganando a sociedade ao centralizar todas as discussões e conversas em uma única assembleia. Isso levou séculos, mas, pouco a pouco, ele privatizou essa assembleia e, somente quando nos disciplinou o suficiente para apoiar seu projeto de controle total, começou a nos permitir participar dessa assembleia (primeiro para os ricos, depois para os homens brancos, depois para todos os homens e, mais tarde, para as mulheres...). É por isso que rejeitamos não apenas o diálogo com os poderosos, mas também qualquer solução única para os problemas da sociedade, qualquer plano homogêneo ou acordo consensual.

20. As rupturas não podem ser planejadas, mas podem ser incentivadas e ampliadas; essa é a nossa tarefa mais delicada.

Ao criarmos sinais de desordem e novos métodos de ataque, aumentamos a probabilidade de rupturas e de que elas, por sua vez, sejam mais poderosas. Mas não somos nós que determinamos as rupturas. **No entanto, os insurgentes libertários têm um papel muito importante nas rupturas: neutralizar os políticos do movimento e sabotar sua tentativa de liderar a ruptura, transformá-la em uma demanda, torná-la compreensível para o poder (por meio da imprensa, universidades ou ativistas profissionais).** Em qualquer ruptura, é possível disseminar novas visões, apontar novos alvos e objetivos, popularizar novas armas. Uma pessoa com um martelo pode fornecer pedras para uma manifestação inteira, se as pessoas na manifestação já estiverem com raiva. Um grupo de pessoas com a capacidade de organizar mais ataques para criar um segundo e um terceiro tumulto pode ampliar a ruptura. Quando um tumulto vai para a cama sonhando com todos os ataques que serão realizados novamente pela manhã, a insurreição chegou.

**21. As insurreições só se estendem
até o ponto em que a sociedade
pode alimentá-las.**

Entendidas dessa forma, as insurreições são um índice da saúde da sociedade, uma tentativa de despertar. Ela terá forças para se revoltar por um, dois, três dias? Duas semanas? Isso tem a ver com as forças das pessoas, com sua capacidade de imaginar outra vida, com a profundidade de suas raízes, se elas odeiam toda autoridade ou apenas a polícia ou apenas o partido no governo. Um surto de ervas daninhas pode causar uma nova rachadura no concreto, um pequeno rompimento, mas além disso não vai adiante.

**22. A próxima etapa da revolta,
após a qual só podemos especular,
é a destruição da normalidade.**

Não haverá mais volta quando o Estado tiver perdido sua máscara de paz social, quando a sociedade tiver percebido suas forças criativas e destrutivas. Então, a imaginação rebelde estará viva e animada, e todos terão visões do que significa o "amanhã". Deixaremos de lutar para extravasar nossa raiva e passaremos a lutar para realizar nossos desejos. Não se sabe se teremos de enfrentar a ocupação militar e a possibilidade de conflitos de guerrilha ou se o Estado cairá, enfraquecido pelas crises e por tantos anos de autoengano e métodos mais brandos do que os que estão por vir.

**23. Provavelmente nunca
venceremos, embora seja verdade
que nunca perderemos.**

O sistema escolheu um projeto impossível, que é o controle total. Eles nunca o alcançarão. Eles não podem evitar que seus muros caiam, que seus escravos se rebelem e cusпам em seus rostos. Construindo os muros mais rapidamente, eles provocam mais rebelião. Mesmo que aperfeiçoem um mecanismo de repressão, a Terra, e depois o Sol, morrerão com o tempo, e o universo continuará em sua beleza niilista sem o menor vestígio desses tiranos e de suas ruínas. Temos de nos alegrar com a certeza de que, mesmo que acabemos na cadeia, mortos ou vencidos, uma vida confortável e sem derrotas não vale nada se comparada a uma vida de luta pela liberdade, uma vida apaixonada pelo mundo, abraçada por uma rede calorosa de relacionamentos solidários, com o sentimento erótico e familiar de ter raízes na terra, de ser maior do que se é, de fazer parte de uma coletividade de corpos em uma dança terrível que só pode ser compreendida a partir de dentro.

Biblioteca Anarquista



Distri Josep Gardenyes
23 Teses sobre a Revolta
Como podemos parar de nos derrotar todas as vezes?
2011

Adquirido em 21/03/2025 de
<https://returnfire.noblogs.org/files/2021/03/Return-Fire-vol.6-chap.1-start-pg70.pdf>
Tradução realizada pel@s companheir@s do Centro de Cultura Libertária da Amazônia - CCLA
(Belém do Pará - Brasil).

bibliotecaanarquista.org